

Comentário ao Pai-Nosso dum místico português do séc. XVI

O mais antigo comentário sistemático¹ português² do Pai-Nosso é possivelmente³ o do místico quinhentista Francisco de Sousa Tavares, na obra *Livro de doutrina spiritual*, publicada em Lisboa no ano de 1564, pelo impressor Ioam da Barreira. Este comentário reveste-se de particular interesse histórico, quer para o conhecimento do misticismo e espiritualidade nacionais, quer para o estudo da língua e literatura portuguesas.

O primeiro motivo de interesse é a personalidade do autor. Francisco de Sousa Tavares pertence ao número dos grandes personagens do séc. XVI. Apesar dos dados biográficos serem escassos, desconhecendo-se mesmo a data do nascimento, sabemos que desempenhou altos cargos no Oriente. Entre outros, foi nomeado em 1530 comandante da fortaleza de Cananor, e em 1540 Capitão-mor da armada que partiu para a Índia⁴.

¹ Os comentários a que se refere MÁRIO MARTINS, *O Pai-Nosso na Literatura Portuguesa, até Gil Vicente*, neste mesmo fascículo de «Didaskalia», pp. 237-262, não são propriamente explicações sistemáticas de carácter teológico ou místico, mas situam-se no género da paráfrase poética, espiritual ou moral. Quanto ao comentário de Frei João Claro, resumido no mesmo artigo pp. 248-249, não é certo que o autor seja português; e mesmo que o fosse, seria demasiado curto para poder considerar-se comentário sistemático.

² O comentário mais conhecido e que maior influência teve no clero quinhentista é o de CLEMENTE SANCHES DE VERCIAL, no seu *Sacramental*, impresso em Lisboa por Ioham Pedro de Cremona em 1502, e mandado reimprimir pelo Cardeal D. Henrique, meses antes de renunciar à Sé de Braga, com o título *Sacramental tirado em portuguez novamente impresso e emmendado*, Braga 1539. O seu autor porém é um espanhol do clero de Leão.

³ Não nos foi possível examinar a obra indicada por A. J. ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI*, Lisboa 1926, p. 314, n.º 1086: *Meditações sobre ha oração do Pater Noster. Visto e approuvado por frey Francisco Foreiro*. Évora 1557. Ignoramos por isso a sua natureza, extensão e autor.

⁴ SOUSA VITERBO, *Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) e a família de sua mulher, D. Magdalena Tavares Vilhena*, «Historia e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa», Nova Série, 2.ª Classe, Tom. IX, P. I, pp. 1-27.

Casado com D. Maria da Silva, «um dos mais belos modelos de fidalguia mediana do séc. XVI», na opinião de Sousa Viterbo⁵, ele é sogro de Frei Luís de Sousa, por ser o pai de D. Madalena Tavares Vilhena, com quem casou D. Manuel de Sousa Coutinho, antes de se fazer dominicano. Ter-se-ia também Francisco de Sousa Tavares feito religioso? Assim o afirma Barbosa Machado⁶, embora não esclareça em que data teria tomado tal decisão e quantos anos teria permanecido no Convento de Santo António de Aveiro. Sousa Viterbo pensa que, se se fez religioso, foi depois da publicação do *Livro de doutrina spiritual*, pois doutro modo não se compreende a falta do qualificativo de *Frei* no nome do autor⁷. Em tal hipótese, a profissão não poderia ter durado mais de três anos, uma vez que veio a falecer em 1567.

Temos assim que este longo comentário do Pai-Nosso é obra de um leigo que andou envolvido nos grandes acontecimentos da sua época. Mesmo que tenha professado mais cedo, se é que professou, trata-se de um homem que não teve grande preparação filosófica e humanista. O seu pensamento é difícil de acompanhar: frases longas, por vezes intermináveis, ideias repetidas, em catadupas, «num estilo embrulhado e difícil, infinitamente longe da prosa clara de Frei Luís de Sousa»⁸. Faltou-lhe uma sólida formação filosófica, que lhe disciplinasse a inteligência. Isso não significa contudo pobreza de conceitos teológicos, nem falta de capacidade dialéctica. Vejamos, por exemplo, este raciocínio a propósito do pecado venial: «Deos he em todo lugar, em todas as criaturas, e todas has criaturas sam em Deos. Mas o pecado nam he em Deos, nem Deos he no pecado. Cousa certa he que o ser das cousas criadas tem necessidade de lugar, e o pecado, porque nam ha ser, nam tem nenhum lugar»⁹. O seu pensamento é aliás sempre profundo, seja qual for o aspecto doutrinal abordado. Vejamos mais este trecho, cheio de actualidade social: «Se os que intizouram e compram fazendas, tendo ho necessario, (...) se nam quisessem mais que o que aqui pedem, que he o necessario moderadamente, nam averia ahi tantos pobres, nem necessidades; que o que huns tem de

⁵ *Ibid.* p. 9.

⁶ *Bibliotheca Lusitana*, reedição de Coimbra 1966, Tom. II, p. 271.

⁷ *Op. c.*, p. 7.

⁸ MÁRIO MARTINS, *A obra mística de Francisco de Sousa Tavares*, «Brotéria» XL (1945), pp. 533-543; citação p. 539.

⁹ Fol. 35v-36 da edição princeps; p. 296 da nossa edição.

sobejo abastaria aos que o tem de mingoado, sendo bem repartido, porque Deos largamente prové a todos, do pam nosso, que he a substentação necessaria, se estes se nam alevantassem, com elles, contra a condiçam com que aqui o pedem e lho dá Deos»¹⁰. Ele reflecte, como é óbvio, o pensamento religioso da época, mas sempre amadurecido e exposto em perspectiva muito pessoal.

Embora cite uma vez S. Cipriano de Cartago¹¹, não cremos que tenha lido nenhum dos grandes comentários à *oração dominical* dos escritores da antiguidade cristã, Tertuliano, S. Cipriano, Orígenes, S. Gregório de Nisa e Máximo o Confessor, para indicar só os mais conhecidos. O nosso intuito porém não é a análise doutrinal do seu pensamento, nem o estudo das fontes e possíveis influências que o dominaram¹². Pretendemos somente chamar a atenção dos eruditos para a importância da sua obra, e facilitar o acesso a um trabalho desta natureza, editando a sua *Exposição do Pater noster*. Esta ocupa o ponto central do livro e sintetiza, de certo modo, a visão global do mundo espiritual que o anima.

A obra de Francisco de Sousa Tavares reveste-se ainda de não menor interesse para a história da língua portuguesa. Há sectores da nossa literatura pouco estudados, como são as traduções do Antigo e Novo Testamento, algumas das quais de grande mérito literário; os livros de piedade e devoção popular; as obras de teólogos, místicos e pregadores de aldeia ou romaria, etc. Tais produções revestem-se de excepcional importância para o conhecimento e evolução do sentimento religioso do nosso país. Os críticos têm-se preocupado sobretudo com as obras de nível literário, deixando de lado os escritos de sabor popular e os que se afastam dos cânones clássicos, mas que nem por isso deixam de ser a expressão mais genuína do falar e do sentir da alma portuguesa. Tal é o caso do nosso místico. Esquecido durante séculos¹³, parece-nos tão digno de simpatia como os outros que souberam exprimir a sua mensagem de maneira mais fluente e estilo mais requintado. A sua aproximação torna-se difícil, é certo. Falta-lhe a concisão de pensamento e a coordenação límpida das ideias. Dá-nos frequentes vezes a impressão do orador que perdeu o fio à meada, mas que continua a expor a

¹⁰ Fol. 21 da edição prínceps; p. 280 da nossa edição.

¹¹ Notar a maneira de escrever este nome: Cebriano (p. 277, 2.ª linha do *Capítulo Sexto*).

¹² Mário Martins, artigo citado, p. 541, insiste na influência dos místicos nórdicos.

¹³ O único trabalho que conhecemos sobre ele é o de Mário Martins, já citado.

ideia que se propõe, como rio que salta fora das margens. Cremos, porém, que valerá a pena fazê-lo, a todos os títulos, teológico, cultural e linguístico.

Na transcrição da *Exposição do Pater noster* seguimos as seguintes normas. Para facilitar a leitura, modificamos a pontuação, por vezes incongruente da edição prínceps, sempre que nos parecer indispensável. Desenvolvemos todas as abreviaturas, excepto o *til abreviativo*, com função de nasalização, em certas palavras que na altura, como ainda hoje em certas camadas populares, se pronunciavam, ou poderiam pronunciar, dessa maneira: *hũa, nenhũa, lũa*, etc. Respeitamos sempre, de igual modo, a grafia do autor. Há muitas palavras que se apresentam com ortografia diferente, por exemplo: *oração* e *oraçam*; *o* e *ho*; *pai* e *pay*; *muito* e *muyto*; *primeiro* e *primeyro*; *alvedrio* e *alvidrio*; *efeyto* e *effecto*; *está* e *estaa*, etc. etc.; mas que sempre são transcritas conforme o original. Seguimos também, por princípio, a acentuação do autor; mas para melhor facilitar a compreensão do texto, acentuamos sempre o pronome pessoal *nós*, para o distinguir de *nos*. Alguns verbos, na terceira pessoa do singular, oferecem três acentos diferentes, grave, agudo e circunflexo. Sendo este último raro, decidimos substituí-lo pelo agudo: por exemplo, *està, está e estâ*. Escrevemos com maiúscula algumas palavras, para uniformizar o original: *Senhor, Spirito santo*, etc. Corrigimos as gralhas evidentes de composição; mas quando se trata de erros propriamente ditos por nós corrigidos, anotamos sempre em nota o original. A sigla P das notas refere-se à edição *Príncipeps* — e única¹⁴ — de 1564, cuja paginação também indicamos, entre parêntesis, na nossa edição.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

³ Segundo A. J. ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI*, Lisboa 1926, p. 50, n.º 183, restam apenas quatro exemplares desta edição, 3 na Biblioteca Nacional de Lisboa e 1 em Évora.

Exposição do Pater noster

Começa a declaração da oração que Christo nosso redemptor insina

Capitulo segundo¹, da declaração destas palavras de Padre nosso que estás em os ceos, em o que Christo nosso redemptor insina aos principiantes, e o alevantamento da mente aos seus beneficios, pera com isso ter conhecimento e graça, com que cumpram as obras exteriores que, ao diante, nesta oração manda.

Como a Bondade de Deos quer que as criaturas racionaes consigão a bem aventurança pera o que forão criadas, a que ellas não hão de alcançar senam com amarem a Deos, e aos proximos como a si mesmos; porque assi como as almas cumprem estes dous preceptos assi alcançãõ a bem aventurança, porque nelles consiste toda a ley; e como Christo nosso redemptor veyo ao mundo pera as criaturas racionaes alcançarem a bem aventurança, e ella nam se consegue senam da maneyra que fica dito, logo estaa visto que, querendo nos insinar a / 8 v / oraçam, nos avia de insinar duas cousas: A primeira, a calidade ou obra com que se alcança a graça. A segunda, as calidades ou obras que dereytamente della procedem, pera com Deos e com os proximos, para que a soubessemos e tivessemos na memoria, e a obrassemos e desejassemos aos proximos.

Estas duas calidades se veram inteiramente na oraçam de nosso redemptor, e por isso diz S. Grisostomo e todos que a oraçam (a qual ha de ser a que Christo nosso redemptor ensina², ou deriva

¹ O capitulo primeiro do livro é dedicado ao estudo genérico: «*Que cousa he oração*».

² Sic. Habitualmente *insina*.

da della) alcança a graça, mayormente fazendo a sem desfalecer, como Christo e toda a sagrada scriptura o insina, porque logo com ella da a graça de se ajuntar e unir a Deos e fazer hum spirito com ele, com o que o amarà de todo coraçam, alma e memoria; porque pella oração virà a estado de sempre, sem desfalecer e sem interrompimento, andar sua alma junta e unida com Deos, com o³ qual tem a participação e sua graça; com aquella, obra, deseja e faz as obras que nosso Redemptor, na sua oração, manda que obremos e desejemos aos proximos, sem nenhũa vontade propria, com o qual se cumpre o precepto de amar aos proximos como a nós mesmos. E porque a oração do Senhor tem em si estes beens, por isso a igreja, guiada pello Spirito Sancto, manda a todos que a saybam de còr e a digam muytas vezes, para que retenham / 9 / inteiramente na memória as obras interiores e exteriores que nella nosso Redemptor insina e manda; porque, nam a sabendo, nem em que consistiam, nam as poderiam obrar, e em que as obrassem, sem saber no que consistiam, eram de pouco merecimento, pois nam eram elegidas. Mas sabendo as inteiramente, e no que consistiam, e como Christo nosso redemptor o mandava, e ellegendo as e fazendo as de vontade, tinham grande merecimento.

Como Christo nosso redemptor he a sabedoria divina, há se muito de notar e olhar o que elle mesmo nos insina em a sua oraçam primeyro, e o que nos insina depois, como ho primeiro há de ser desejar a graça e pòr a alma em desposiçam pera receber. Ho segundo, com a graça obrar e desejar as obras de charidade de Deos e dos proximos. Na oraçam se verà como nosso redemptor, na sua oraçam, primeyramente insina cada hum, segundo sua calidade, desejar e despor se pera receber a graça; e depois, lhe põe as obras de charidade de Deos e do proximo. Pello que, nam sómente o que quer fazer a oraçam ha de ter muita conta com o que nosso redemptor põe primeiro na sua oraçam, mas tambem com a sentença ou palavras do insino da oraçam, que ha de ter na memória, pera as poder desejar e obrar.

Como nosso redemptor nos põe por primeyro, / 9 v / nesta sua oraçam, estas palavras de *pay nosso que està em os ceos*, tenho por muy certo que nam he sem gram causa e misterio, e que no exercicio ou comprimento deste insino està todo o fundamento da oraçam do Senhor, e donde nos ha de vir a graça e todo bem. E por

³ a P.

isso, nosso redemptor nolo pós primeyro por fundamento da sua oraçam e donde nos avia de vir a graça. E daqui vem que de hũa maneyra a tem, e assi as forças pera obrar e desejar as sete charidades que nosso redemptor insina e manda, na sua oraçam, os principiantes; e de outra, os aproveytantes; e de outra, os perfeytos. Porque differentemente exercitam este primeyro fundamento e insino de nosso redemptor, posto que todos os que fazem a oraçam do Senhor e exercitam este fundamento actual, ou virtual, porque, sem ele, aproveitariam poucos.

Como os principiantes, ou peccadores, tem ho lume natural escurecido, com ho qual nam estam em estado de salvaçam, como ho diz sancta Catherina de Sena, e por isso he necessario que façam os meynos humanos que Deos tem dados, pera se elle alcançar, com o qual avorrecerám os peccados e ocasiar delles, como aborreceram soo em lume natural muytos philosophos. De Seneca se diz que dizia que nam faria o peccado, / 10 / em que soubesse que os seus deoses lho perdoariam, nem os homens ho nam soubessem; e como ao diante se verá, os milhores meynos que nesta vida temos, pera vir a ter ao lume natural limpo e claro, he exercitar o entendimento nas cousas e beneficios de Deos; e porque este exercicio aos principiantes ou peccadores he tam necessario, por isso Christo nosso redemptor manda e insina a estes exercitar este exercicio, pera principio e fundamento, em estas palavras de *pay nosso que està em os ceos*, porque nelle ho principiante, com a devida tençam, faz o que he nelle pera alcançar o lume natural e fazer os actos e charidades virtuaes, pois faz ho tal exercicio pera fim de se inflamar no amor de Deos e alcançar a graça, pera comprir as sete charidades que na oraçam manda. Em as quais palavras, de *pay nosso que està em os ceos*, (que nosso redemptor nos põe pera os principiantes, ou peccadores) clara e patentemente ençerram, em si, todos os beneficios de Deos, como se pode ver.

Se, do pay humano, dizemos ser imagem e semelhança, mais verdadeyramente somos imagem e semelhança de Deos pella memoria e entendimento e vontade que temos. E assi como somos obrigados a semelhar e imitar, na bondade, aos pais naturaes, assi por estas palavras nos quer / 10 v / lembrar e trazer à memoria a obrigaçam, que temos, a semelhar e imitar, em nossa qualidade e possibilidade, a Deos pay nosso; e assi como os hirmãos da ley natural se amão, nos amemos todos, pois somos irmãos, filhos de Deos, como aqui nos declara Christo. Assi como os humanos se estimam e tem em

muyto, por serem filhos de Reys, de antigo e grande Reyno, ou solar, muyto mays nos avemos nós de estimar, pera nam ter em nenhũa conta as cousas baixas da terra, transitorias, pois sômos filhos de Deos, *pay nosso que estás nos ceos*, onde dabinicio sempre esteve e estará e està, e onde he ho nosso antigo solar e natureza. Dos pays humanos, recebemos as mais boas obras e amor que de todas as outras pessoas; mas como o seu poder he pouco, assi suas obras e amor sam poucas. Mas a Deos, pay nosso, assi como seu poder he immenso, assi suas obras e amor de pay sam immensas. Pay pelos beens recebidos. Pay pellos males de que nos guarda e livra. Pay pellos beens que nos promete e tem aparelhados.

Os quaes beens se podem trazer a tres maneiras: naturaes e temporaes e gratuitas. As naturaes sam o ser que Deos nos dà, na alma e no corpo, e que nam eramos nada e de nada nos fez, com tantas particularidades e excelencias, como sam olhos, boca, mãos e pés, e todas as outras par/ 11 /tes do corpo. Que direy da alma, feyta à imagem e semelhança de Deos, com memoria pera se alembrar delle e de todas as suas obras, do entendimento que nam sómente entende os beens naturaes e temporaes, mas pera entender o mesmo Deos, e a vontade pera o amar, fruir e gozar.

Os beens temporaes sam tudo o criado neste mundo, scilicet, ho sol, lũa, estrelas, már, terra e todas as outras cousas nella contheudas, tudo pera serviço nosso, e nos está Deos sustentando e trazendo em os braços (como diz hum propheta).

Os beens gratuitos sam em duas maneyras. Na primeira, se nos dá Christo com sua encarnaçam, vida, morte e paixam, pera nosso preço, redempçam e salvaçam. Na outra, se nos dá pera nossa justificaçam, que dando nos sua graça, nos communica, em nossas almas, o seu precioso sangue, com o qual somos lavados da magoa e da culpa, e tirados do poder do demonio, e restituídos à graça e feytos⁴ filhos de Deos, herdeyros de sua gloria.

Por onde se pode bem ver, como estas⁵ palavras de *pay nosso que estás em os ceos*, que nosso redemptor nos põe por principio e fundamento de sua oraçam, comprehendem em si todos os beneficios de Deos e tudo o que se diz da via purgativa e illuminativa, pera os principiantes ou peccadores os exercitarem ou darem ao intendimento, / 11 v / pera com isso virem alcançar ho lume natural,

⁴ feito P.

⁵ nestas P.

limpo e claro, com o qual (em sua calidade) comprirám as sete charidades, que Christo nosso redemptor nos põe na sua oraçam, com que faram a oraçam, como nosso redemptor o manda (ao seu modo) ou como principiantes. Porque faram os autos virtuaes da charidade, com exercitarem este exercicio, com a devida tençam, e mais as obras que se devem pera com Deos e com os proximos. Posto que a estes principiantes, neste exercicio, auia muyto que lhe⁶ dizer, mas assi por nam ser da materia de que tracto, como porque ho devoto e pio padre frey Luis de Granada o tem feyto tam altamente, que tudo o que deste caso dissesse seria mais danar e amostrar minha pouca sufficiencia que aproveitar, sómente quero lembrar duas cousas: A primeyra, que este exercicio se ha de fazer, por meyo de vir ao alevantamento da mente em Deos, e nunca se elle ha de fazer por fim, senam por meio. A outra, he os bens que tem os principiantes, ou peccadores, em exercitarem estas palavras, de *pay nosso que estás em os ceos*, pera esta fim ou exercicio, e os males que ganham, ou cobram, em os nam fazer, ho qual porey no cabo da obra, pella nam interromper.

/ 12/ Capitulo terceyro, da declaração das palavras de padre nosso que estás nos ceos, em as quaes Christo nosso redemptor insina, aos aproveytantes, a oraçam da mente em Deos, actual, pera a alma comprir perfeytamente as charidades ou insinos que, na sua oraçam, põe e manda, e chegar à perfeição.

Ja que pello alevantamento da alma aos beneficios, deu Deos à alma o lume natural, limpo e claro, com ho qual assentou de quam vão he este mundo e quanto he Deos digno de ser amado, e o peccado e occasiam delle avorrecido, e estar inflamado do amor de Deos e desejo de só nelle repousar, esta obra deve de ter actualmente, ao menos por vontade e sua possibilidade. Porque, quando a alma tem ho desejo e faz a obra conveniente, segundo sua possibilidade, pera alcançar a cousa que deseja, ho tal desejo he efficaz e muy cedo alcançará o que deseja; porque, dado que tivesse ho desejo, nam faz a obra com que se elle pode aver, este tal desejo se chama do preguiçoso; / 12 v / e pois a alma nam fazia o exercicio em que se exercitava, senam pera ter o lume natural, limpo e claro, e forças e desejo de andar em Deos, pois ja tem o desejo deve de o exercitar, porque, nam o exercitando, he falso o tal desejo. Mas fazendo os

⁶ *lhe* por *lhes*, frequente na época.

actos actuaes da charidade, lhe darà os lumes sobrenaturaes, pois ja tem a disposiçam, convem a saber, o lume natural limpo e claro (como tudo diz Sancta Catherina de Sena). Mas com intento de desconfiar todo de si e pôr toda a esperança em Deos e na sua graça, com o qual conseguirà as virtudes perfeytas, ou perfeytamente cumprir os insinos ou charidades, que Christo aqui na sua oraçam insina e manda que auemos de fazer e desejar aos proximos; e nam se alcançam estas perfeiçõs limpas de todo o amor proprio, senam estando a alma em Deos, ao menos por vontade e sua possibilidade. E quanto mais por vontade e sua possibilidade está em Deos, tanto mais está desposto pera receber a sua graça, e brada e pede a Deos sua participaçam, e tem as calidades, que temos dito que este acto da mente em Deos tem, e outras muytas altezas que Deos por elle daa, do que quero dizer hum pouco, pera as pessoas se namorarem ainda mais delle.

Os anjos boons, por hum só acto de amor, ou alevantamento em Deos, alcançaram a glória. Nós, por / 13 / hum, de condigno a podemos merecer, como dizem os sanctos. Por elle consegue a alma a uniam, transformaçam de Deos, em a qual recebe a sanctissima Trindade, scilicet, o Padre na memória, por hũa simplex luz do pensamento, o Filho no intendmento, por conhecimentos claros, e o Spirito Sancto na vontade, por ardente amor. E o Padre diz, por este Spirito, que vem unido com Christo seu Filho, e ser hum Spirito com elle: *Este he meu Filho muito amado, no qual muyto me aprouve.* Neste estado, sam as potencias superiores levadas ao fundo, ou essencia da alma, mente e ceo do spirito, onde hà suma tranquillidade e summo silencio, e vem ter a unidade e uniam do spirito e eterno silêncio. Aqui se consegue o petitorio de Christo, que fôssemos, por amor, hũa cousa com o Padre, como ho elle era por essencia e natureza, onde o spirito, por sapientissima ignorancia e por intimo tocamento de Amor, conhece melhor a Deos do que os olhos exteriores conhecem o sol visivel, e vive vida uniforme e sobreessencial, e conversa nos ceos, scilicet, na essencia das tres Pessoas, e hũa Trindade, e o spirito possui hũa sobrenatural unidade, na qual mora como em propria morada, e vive sobreessencialmente em Deos. Este he o anno do jubileu do testamento velho, porque assi como nelle as herdades vendidas eram tornadas a seus / 13 v / donos, e os escravos, de progenie livres, eram forros, assi aqui a alma que, pello peccado original e actual, tinha vendido a sua herdade, que era a sua essencia donde està a imagem de Deos, a possui

perfeitamente, e as potencias superiores, que sam de progenie livres e estavam vendidas e sobgeytas às inferiores, sam livres e senhoras, e fazem a obra, pera ho que foram criadas, de estar actualmente em Deos. E a alma he tornada à pureza e limpeza de nossos primeyros padres, e em que fomos postos no baptismo.

Estes estados nam ha o christão de perder, que pera as aqui possuirmos como viadores, e no ceo como comprehensores, foram nossas almas criadas; e pera nos pór nestes estados, veyo Christo ao mundo e nos deixou os seus sanctissimos sacramentos, e a isto nos induze e provoca toda a sagrada scriptura, mayormente Christo nosso redemptor, em muitos lugares, principalmente nesta sua oraçam, nestas palavras de *padre nosso que estás em os ceos*, em que actualmente insina o alevantamento da mente em Deos, pera fundamento das almas chegarem á perfeiçam; porque, em dizer *pay*, diz Deos, porque ninguem he nosso primeyro, certo e verdadeiro *pay*, senão elle. Este só attributo de *pay*, ou amor, nos quis declarar nesta sua oraçam, pera provocar aos christãos de se ajuntar e unir a Deos, / 14 / *pay* amor. Em dizer *nosso*, diz *pay* amor de toda a criatura racional, porque todos delle tem ho ser, e todos delle procedem, e a todos tem feyto grandes obras e amor, e todos foram criados pera fazer esta divina obra, de se ajuntarem e unirem a elle, aqui em fé e por graça, e no ceo rosto a rosto e por gloria; e em dizer que *estás nos ceos*, diz: Deos *pay* e amor que estás encuberto e invisivel (de ninguem conhecido perfeitamente, senam de ti mesmo) no apex do spirito, fundo e essencia da alma, onde estaa a imagem de Deos, em o qual sam os certos ceos de Deos, como diz Sancta Catherina de Sena, ou Regno que Christo disse que dentro de nós está, como o prova o alto e contemplativo Lodovico Blosio.

Pello que està dito, e por outras muitas rezões que se podem dizer pera este caso, està claro que, em estas palavras de *pay nosso que estás nos ceos*, insina e manda Christo, nosso redemptor, aos que hão de fazer sua oraçam (e sam ja aproveytantes, e querem chegar á perfeiçam), o alevantamento da mente em Deos. E abastava, que como nos manda fazer esta sua oraçam, e os sanctos todos dizem que oraçam actual he alevantamento da mente em Deos, logo estaa visto que nos avia de insinar, na sua oraçam, com o que insina o alevantamento da mente em Deos, em estas palavras de *pay* / 14 v / *nosso que estás nos ceos*. Tambem como Christo, nosso redemptor, nesta sua oraçam, nos declara e manda que nam abasta sómente ter o alevantamento da mente em Deos, senam que tambem se ham de

fazer todas as obras de charidade exteriores, pera com Deos e com os proximos (como nas proprias palavras da oraçam se veraa) e, pera podermos cumprir estas obras perfeytamente, nos avia de insinar e mandar pór primeiro o acto ou obra, com que a alma se mais ajunta a Deos, com a qual se alcança a participaçam e graça sua, com o que se poderia cumprir a perfeyta charidade, que na sua oraçam nos manda. Em que tudo isto, nam ouvera a alma que, nesta vida, ao seu modo nam se quer⁷ ajuntar a Deos, com este acto da mente em elle, que actualmente ajunta a alma com Deos. Se depois da morte quer a Deos, estaa visto que o quer por nam ter o mau tratamento do inferno, porque na outra vida, ou a Deos ha de ter no paraíso, ou purgatorio, té que se alimpe, ou o inferno pera sempre. Por nenhũa outra cousa a alma aqui deixa a Deos, nesta vida, ou o acto do alevantamento da mente em elle, senam por nam anojár a esta carne ou homem exterior (que de todo he contrario ao espirito), o qual homem exterior sempre quer as cousas criadas; e se a alma consente com elle, he só pello comprazer, e deixa a Deos / 15 /, pera o que ella he criada, e este acto da mente a elle, que nosso redemptor nos põe por fundamento da sua oraçam, adonde lhe ha de vir a graça; e porque este acto da mente em Deos, por nossos peccados, a muytos he muyto escuro e mal entendido e pouco usado, pello que avia muyto que dizer nelle. Mas só por nam fazer a obra comprida, alembrarey duas cousas: A primeyra que se ha de fazer com intento e fim, tacito ou expresso, pera por elle receber de Deos a graça, e assi pera resistir à carne e mundo e diabo, e ser accepto e gracioso a elle, a qual graça só delle nos ha de vir. A segunda, direy alguns avisos necessarios, deste caso, tomados dos sanctos e doctores spirituaes, os quaes tambem porei no cabo da obra, pella nam interromper.

Capitulo quarto, em que se declaram estas palavras, sanctificado seja o teu nome, em as quaes Christo nosso redemptor insina e manda obrar e desejar, pera todos, a fé verdadeyra.

Ja que a alma se despos, pello alevantamento em Deos, pera receber a graça, ha de obrar com ella, que nam abasta ter a charidade interior, que / 15 v / se tem no acto do alevantamento da mente em Deos, senam que tambem ha de auer a charidade exterior, com que se cumpre o precepto do proximo, ho qual acto interior, ou dispo-

⁷ quer em vez de queira?

siçam pera receber a graça, ha de parir ou obrar este fructo da charidade exterior, que nosso redemptor aqui declara. E se caso fosse que a pessoa só tivesse ho acto da charidade interior, sem ella parir ou obrar este fructo da charidade exterior desta oraçam, não seria meritoria pera a vida eterna, nem verdadeyra charidade, que a verdadeyra oraçào, ou desposiçam de receber a graça, há de ter a charidade interior e exterior, scilicet, amar a Deos e aos proximos. E por isso, Christo nosso redemptor, já que nesta sua oraçào nos tem insinado e declarado a charidade interior, ou disposiçam de receber a graça, por ho alevantamento da mente em Deos, pellas palavras de *pay nosso que estás nos ceos*, nos declara logo a charidade exterior, que auemos de obrar e desejar pera os proximos; e porque as charidades exteriores, que aqui nos insina, as nam avia a pessoa de comprir bem, senam como comprisse bem a charidade interior, pello alevantamento da mente em Deos, por isso nos pós por primeyro a charidade interior, donde nos avia de vir a sua participaçam, em as palavras de *pay nosso que estás nos ceos*. Mas esta participaçam de Deos ha elle de / 16 / dar, segundo a alma fezer a oraçam da mente em elle, com os actos actuaes de amor e de se ajuntar a elle.

Porque ho fundamento do bem, que avemos de obrar e desejar aos proximos, ou o fructo que a nossa oraçào a de parir, he que todos tenhamos a fee verdadeyra, assi como a tem a sancta madre igreja, e sem fee não se pode aprazer a Deos. Por isso, nosso redemptor nos insina, por primeyro e por fundamento de tudo, ho bem que auemos he ⁸ desejar e obrar aos proximos, que todos tenham a fee, em estas palavras *o teu nome seja sanctificado*, em que clara e largamente insina a obrar e a desejar que todas as criaturas racionaes tenham a fee e conhecimento verdadeyro.

Porque, em dizer *ho teu nome*, diz a sanctissima Trindade e os beneficios que della temos recebidos, scilicet, a criaçam do Padre, a redençam do Filho, a graça do Spiritu Sancto. Este mysterio da sanctissima Trindade he o certo verdadeyro nome de Deos, que Christo nosso redemptor revelou e ensinou, e que o propheta dizia *Louvarà o teu nome grande, que terrivel e sancto he*, e ho que o outro pedia que lhe manifestasse; e em dizer *seja sanctificado*, diz que a todas as criaturas racionaes seja este nome ou mysterio manifesto e conhecido, que nam pode auer, agora, honra nem gloria de Deos / 16 v / verdadeira, sem este nome ser manifesto e conhecido com

⁸ he certamente por *de*.

amor; e quanto mais alto for o amor, tanto mais manifesta e conhecida fica a sanctissima Trindade.

Esta manifestação deste nome ou misterio, diz Christo ao Padre que fez. Pera isso, mandou aos seus apóstolos que prégassem o Evangelho a toda criatura, em que esta manifestação ha de ser por os sentidos, e com elle as partes. Primeyramente, o ham de receber e ouvir; mas, recebendo o, o ham de dar logo às potencias da alma. Que por isso diz Deos, no terceiro mandamento, *Sanctificaràs os domingos e festas*, quer dizer que ao dador dos misterios das festas que declaram estas obras da sanctissima Trindade, que primeyramente entram pellos sentidos manifestos a ti, scilicet, ao teu spirito, que começa polla memoria; e ella daa o que assi recolhe ao intendmento, e elle à vontade; e quanto mais imprimem na alma as cousas que nos a igreja insina e que pertencem a esta fé, tanto mais sanctificamos ou damos o dia e festa a Deos. E pera se melhor poder fazer, se mandou cessar de todo serviço servil, porque distraya o spirito. E daqui vem o que alguns sanctos e theologos dizem que, nestes dias, somos obrigados a fazer este exercicio interior ou alevantamento do spirito a Deos ou às suas cousas, pera com isso adquerirmos ho | 17 | amor de Deos e chegarmos a ser hum spirito com elle.

Capitulo quinto, em que se declaram estas palavras *Venha a nós o teu reino*, em as quaes Christo insina a obrar e desejar a charidade pera todos.

Porque em nossos spiritos e nos dos proximos, nam somente avemos de ter a fé como a tem a sancta madre igreja, mas tambem avemos de ter desejo actual, ou abitual, que Deos esté nas almas de todos por a charidade, pera o qual ellas foram criadas, por isso nosso redemptor insina aqui, aos que ja fizeram o alevantamento em Deos, ou oraçam com que se disposeram pera receber a graça, que ella paira e dé fructo e obre, e tenham desejo que Deos esté nos spiritos dos proximos, com o qual elles logo estam em Deos, amando, fruindo e gozando, pera o que foram criados. E isto insina nestas palavras *Venha a nós o teu regno*, em as quaes largamente amoesta e declara que avemos de obrar e desejar, aos que ja tem a fé, que Deos esté nelles, e elles, por graça e charidade, em Deos: aqui, como viadores; e no ceo, como comprehensores.

| 17 v | Porque em dizer *Venha*, se amostra que os que já tem a fé hão de ter este desejo de Deos estar nelles, e elles em Deos, porque,

nam avendo este desejo tacito ou expresso, nam se teria fee formada; porque tamanho he o amor e charidade que temos com Deos, tamanho he ho desejo que elle esté nos spiritos e os spiritos nelle, com que o amão, fruem e gozam. Porque fé e este desejo nos sam necessarios pera a salvaçam, que em que tivessesmos ho desejo sem a fee, não aproveytaria pera a vida eterna. Em dizer *Ho teu reyno*, insina a pedir o proprio Deos, ou bem aventurança de aqui actualmente o amar, fruir e gozar como viador, e depois no ceo como comprehensor; porque, em que Deos desse à alma o ceo empyrio e todos os anjos, sem lhe dar a si mesmo, nam lhe satisfaria, senam com o regno de Deos, que he o proprio Deos com todas suas riquezas, o qual está na alma. Como diz Christo em dizer *Ho regno de Deos dentro em vós está*, como quem diz: O proprio Deos está⁹ singularmente no apex, spirito e fundo da alma, e dali nunca se aparta. Este proprio insino de pedir ho reyno de Deos, ou o proprio Deos, insina nosso redemptor em outro lugar, em dizer *Buscay primeyro ho regno de Deos e sua justiça*, como quem diz: O primeyro que a alma ha de pretender, e buscar, e desejar, he seu fim, pera o que foy criada, que he actualmente amar, / 18 / fruir e gozar aqui a Deos, ho que se faz quando Deos vem à alma; e entam, tem o verdadeyro reyno seu, a sua justiça he estar a alma com fee formada. Este reyno de Deos, ou vir Deos à alma, á de vir pella bondade de Deos e pellos merecimentos e paixão de Iesu Christo seu Filho; per nossas forças sómente, nam somos sufficientes pera a poder alcançar, posto que ha de aver todas as obras e meynos e disposiçam, pera estarmos dispostos pera a receber.

Capítulo sexto, em que declara estas palavras *Seja feyta á tua vontade, assi na terra como no ceo*, em as quaes Christo insina a obrar e desejar, pera todos, a perfeyta conformiddade da vontade de Deos.

Porque todos os christãos sam discipulos e immitadores de Christo (como ho diz sancto Cebriano), por isso nosso redemptor nos declara que o que faz sua oraçam, ella payra e dé fructo de obrarem e desejarem que todos os que tem a fee e charidade venham a ser perfeytamente / 18 v / discipulos e immitadores de Christo, o que se consegue aos que ja tem a fé e a charidade; que

⁹ estar P.

assi como Christo nunca fez outra vontade, senam a do Padre, como claramente declarou no orto, assi todos os christãos, que ja tem as duas obras ja ditas, o immitem nesta, que aqui insina, com elles nam terem outra vontade, senam a divina, e sem nenhũa vontade propria, spiritual nem temporal, porque com estas tres ficam no amor puro. E por isso nosso redemptor nos insina, aos que fizerem a oraçam e acto de amor seu, tenham e façam e obrem, nos proximos, este fructo de desejarem que, os que ja tem a fé e charidade, venham a conseguir esta perfeçam, ou immitaçam de Christo, de nam fazer sua vontade, senam a divina. Em estas palavras *Seja feyta á tua vontade, assi na terra como no ceo*, em as quaes largamente declara o que auemos de obrar e desejar aos proximos esta perfeçam, a qual aperfeyço as outras duas da fé e desejar o reyno de Deos, que he o proprio Deos, aqui nos pôe por exemplo Christo nosso redemptor, que assi como os spiritos angelicos, em todas as cousas, nam tem outra vontade, senam a divina, que nós assi o façamos; que dado que elles e nós queriamos que ha sanctissima Trindade fosse de todos conhecida e manifesta e que a todos viesse ho Reyno de Deos, e que, assi como / 19 / elles dizem, em seus spiritos, *Seja feyta tua vontade*, o digamos nós nos nossos. E em tanta maneyra nos conformemos com a vontade divina, que nam tenhamos nenhum desejo, nem digamos quero isto, isto nam quero, senam estemos debayxo da ordenaçam divina, e muy contentes com tudo o que ella quiser e ordenar. Isto se entende em as cousas ja feytas, que não tem remedio; mas, nas que estam por fazer, podemos pôr toda a diligencia, mas sempre sometidos à ordenaçam divina, porque toda a diligencia ha de ser feyta tão conforme com a vontade de Deos que, por vontade, tam contente ha de ficar de as diligencias nam averem effeyto como se o ouvessem. Porque, se tem algum desejo determinado contra a vontade de Deos, ja nam está debaixo da ordenaçam divina, senam em seu desejo ou vontade. Esta perfeçam da inteysra conformidade da vontade de Deos se nam alcança, senam com alcançar a precedente, scilicet, o reyno de Deos, que he ho proprio Deos ou charidade, e esta se nam alcança senam com ter o primeyro insino, ou charidade, de ter a fé assi como a tem a sancta madre igreja. Polla mesma maneira sam as quatro charidades seguintes, que pertencem ao proximo, que primeyro avemos de obrar e desejar o que Christo nosso redemptor põe por primeyro, e com elle obrar e desejar o / 19 v / segundo, e com este segundo ho terceyro, e com este terceyro o quarto.

Estas tres charidades, ou insinos de Christo ja ditos, correspondem aos tres preceptos da primeira tavao, porque, assi como aquelles pertenciam a Deos, assi estes precedentes lhe pertencem, como por elles se pode ver; assi como os outros sete da segunda tavao pertenciam aos proximos, assi as quatro charidades, ou insinos seguintes, lhe pertencem, como por elles está claro. Os tres preceptos da primeyra tavao, que pertenciam a Deos, obrando se, era todo o bem do proximo; e os¹⁰ sete da segunda tavao, que pertenciam aos proximos, comprindo se, era toda a honra de Deos, porque toda a honra de Deos he bem do proximo, e todo ho bem do proximo he honrra de Deos. Pella mesma maneyra sam estas charidades que Christo aqui insina, tres precedentes e as¹¹ quatro seguintes.

Capitulo septimo, sobre estas palavras de Pão nosso de cada dia da oje a nós, em as quaes Christo insina a obrar e desejar pera todos ho necessario á alma e corpo.

/ 20 / Porque a primeyra cousa que avemos de obrar e desejar, pera o bem e proveyto nosso e dos proximos, he o necessario pera o bem da alma e do corpo, por isso nosso redemptor nos põe, nestas quatro caridades que pertencem ao proximo, por primeyro e principio dos outros bens, este necessario aos corpos e almas. O que se amostra, porque, neste lugar, hum evangelista diz *Pão nosso de cada dia da a nós oje*; outro, *pam nosso sobresubstantial da oje a nós*. Ambas as cousas disse Christo: em hũa se entende o necessario ao corpo; e no outro, á alma. Em dizer *pão*, se entende a substentação, assi da natureza como da pessoa e officio, porque o pam he a mayor substentação com que a gente se mantém¹²; em dizer *nosso*, diz o necessario, porque nenhũa cousa he mais justamente nossa que este necessario á substentação; em dizer *De cada dia*, se entendem todos os dias da vida, porque todos vem sucessivamente, em cada hum dia.

Em dizer *Da a nós*, insina a pedir pera todos, assi propriamente como acontece pedir nas casas, onde se da a raçam a muitas pessoas, pede hum pera si e pera seus companheyros, o mesmo nos insina aqui Christo nosso redemptor a pedir: pois / 20 v / nos diz que

¹⁰ as P.

¹¹ os P.

¹² se mantém] senam tem P.

digamos *o pão nosso de cada dia* (que he a substentaçam necessaria à vida) *da a nós*, scilicet, a todos, e nam nos insina a dizer dà a mim só, visto he que se pede aqui, nem mais, nem menos, como o que pedio a raçam pera si e pera os outros; assi como este, dando lhe o que pedio ho mays de sua raçam, que he o necessario, não o repartindo pellos companheyros, peccava, assi tirando a substentação necessaria à natureza e calidade da pessoa e officio, que he o pam nosso, o mais que sobeja, se se nam reparte pellos proximos, que tem necessidade, pecca. Daqui se tira o que os sanctos e theologos declaram que o sobejo se ha d'esmolar¹³, em que nam aja extrema necessidade.

Sendo as necessidades, assi da conservaçam da vida como da conveniencia do estado, yguais, antes se ha de dár a huns que aos outros, segundo a ordem da charidade, a que somos obrigados a guardar. Tendo necessidade o proximo pera conservaçam da vida, nam avemos de ter conta nem respeyto com a necessidade de nosso estado, pessoa e officio; nem quando pera estas calidades nos mingoar, nam somos obrigados a ter respeyto às necessidades do proximo destas calidades.

Em dizer *Oje*, declara com quanta moderação nos avemos de aver neste necessario, porque certa cousa he e os philosophos o alcançaram, que ho | 21 | tempo passado ja o nam vivemos, porque ja he morto a nós; e o por vir nam temos, só vivemos oje, que temos presente, e, deste presente, ho momento em que estamos. E por isto o Senhor no lo especifica, por nos tirar todo o cuydado sobejo; e inda o desta substentação, ho mesmo insina, em muytos lugares.

Se os que intizouram e compram fazendas, tendo ho necessario, os que o gastam em superfluidades (estes vemos que, pella mayor parte, tem mais trabalho e diligencia por adquirir o superfluo, do que os pobres tem pello que lhe mingoa), se nam quisessem mais que o que aqui pedem, que he o necessario moderadamente, nam averia ahi tantos pobres, nem necessidades; que o que huns tem de sobejo abastaria aos que o tem de mingoadado, sendo bem repartido, porque Deos largamente prové a todos, do pam nosso, que he a substentaçam necessaria, se estes se nam alevantassem, com elles, contra a condiçam com que aqui o pedem e lho dá Deos. Além de se entender, por este *pam nosso*, a substentaçam necessaria, também

¹³ *d'esmolar*] de smolar P.

se entende, pella paz e justiça e todas as outras cousas necessarias; a sustentação, porque todas nos levão e assi dam a quietação e uniam com Deos.

O pão sobresubstancial, que o outro evangelista diz e Christo nosso redemptor nos aqui de / 21 v / clara que avemos de desejar e obrar pera nós e pera os proximos, he ho Sanctissimo Sacramento e oraçam e liçam, que todos sam mantimentos divinos pera as almas. Os quaes os da primitiva igreja comiam e tratavam. Porque a oraçam e comunham frequentavam muyto (como o diz São Lucas) e he notorio que todos, naquelle tempo, faziam estas duas cousas. A comunham recebiam cada dia; a oraçam (como diz Eusebio), por testemunho de Philion, os christãos daquelle tempo se apartavam das cidades, por se dar à oraçam. A liçam, principalmente da sagrada scriptura, està certo, pois todos os daquelle tempo por ella rezavam e entendiam, e por isso estavam suas almas rijas e fortes.

Ser a oraçam o pam sobresubstancial que Christo aqui diz, expressamente ho diz Casiano, e as auctoridades e ditos dos sanctos, ja ditos; ser o Sanctissimo Sacramento o pam sobresubstancial, que Christo nosso redemptor aqui nos declara, he visto, porque os mais dos santos e doctores o dizem, pellos grandes beens que por elles temos; só direy cinco: O primeyro, por elle alcançamos a glória em o ceo. O segundo, em a vida presente, a graça das penas que se devem dos peccados mortaes. O quarto¹⁴, a remissam dos peccados ve/ 22 /niaes. O quinto, perseverarmos e guardar nos dos peccados. Dado que estes fructos e outros muytos obrem, cada hum segundo seu estado, a liçam, principalmente a sancta scriptura, ser pam de vida nam ha dúvida; que como diz ho sancto abade Machairo, que pella oraçam nos alimpamos e, pella liçam, nos instituymos e ordenamos. Pouco aproveytaria a oraçam e comunham, se fôssemos mal instituídos e ordenados.

O sacramento, visto he que ajunta a alma com Deos, porque expressamente o diz a propria verdade, em dizer *Quem come minha carne e bebe meu sangue està em mim e eu nelle*, e os mais beens ja ditos. A oraçam, de sua propria natureza e calidade, ajunta a alma com Deos (como diz Sam Joam Climaco); e abasta o que ja fica dito della, e o mesmo da¹⁵ liçam. Por onde o que estas cousas faz, faz tudo ho que he nelle, pera ajuntar a alma com Deos e ter a sua

¹⁴ Sic! Falta o terceiro ponto! Lapso do autor ou gralha da edição?

¹⁵ dà P.

participaçam. Como a alma faz tudo ho que he nella, logo estaa certo Deos lhe dar a sua participaçam e graça. E porque os de¹⁶ a primitiva ygreja tractavam muyto estas cousas, lhe dava Deos a sua participaçam e graça, o mesmo farà aos que assi ho fizerem com a devida tençam, que nam he acceptador de pessoas e tam inteiramente temos a payxam de Christo e os seus merecimentos como ho elles tinham.

[22 v / A causa porque muytas pessoas nam perseveram nos seus boons propositos, he só porque suas almas nam comem perseverantemente este pão sobresubstancial da oraçam e communham, e expressamente fica dito, por auctoridade de sancto Agostinho e de sam Gregorio e dos outros, da oraçam; e a rezam he clara, porque a alma, sem este pão sobresubstancial, he fraca, porque fica em si e na carne, o que seria ao contrario se elles, tanto que de Deos recebem ho beneficio do bom desejo e proposito, logo comessem e tomassem este pam sobresubstancial. Porque entam, a alma estaria rija e forte, e o seu contrairo fraco, porque se ajuntava a Deos e mortificava a carne. E se os confessores, aos penitentes que a elle vem com boons prepositos, os avizassem que, pera conservarem aquelle seu bom proposito, dessem à sua alma este pam sobresubstancial, nam sómente perseverariam no seu bom proposito, mas hiriam muyto avante.

A causa porque algũas pessoas, muytas vezes, tomão o Sanctissimo Sacramento e nam aproveytam com elle, he porque, juntamente com o sacramento, nam concorrem com Deos, pello alevantamento da alma em elle, que muyto bem podem fazer juntamente, e que Sancto Thomas diz que he a melhor perparaçam pera o tomarem, e apro/ 23 /veytarem. E soo por se nam poder dizer, por elles querem fazer a obra que os homens vem, e com que se cobra a fama de sanctos, e nam querem fazer ho alevantamento da alma em Deos, que he o interior que os homens nam vem, senam só Deos abastava, pera serem persuadidos a o fazerem. E assi que nam querem fazer a obra a que a carne e ho demonio he mais contrário que todas.

Em dizer Christo, nosso redemptor, *Nosso*, amostra a necessidade que deste pam divino da oraçam e comunham e liçam temos, porque, se dizemos que he justamente nosso o de que o corpo tem necessidade, com quanto mais rezam avemos de dizer que he nosso este pam sobresubstancial, de que as almas tem tanta necessidade!

¹⁶ da P.

Em dizer *oje*, se entende que este pam sobresubstancial nam nos ha de satisfazer o que comemos no tempo passado, nem o que podemos tomar em o por vir, porque hum ja passou, e o outro não sabemos se serà em nossa mão podelo tomar senam hoje, que he o presente, avemos de estar sempre aparelhados pera ho poder tomar: a oraçam sem cessar e sem interrompimento, como Christo e o Apostolo aconselha. O corpo sanctissimo de Nosso Senhor Iesu Christo, quando estivermos despostos pera isso. E a liçam, de maneyra que nam afogue o spirito.

| 23 v | Em dizer¹⁷ *Da a nós*, declara como pera todos avemos de querer e desejar este pam sobresubstancial, assi pera os seus beens, como pera a honrra de Deos e da igreja militante, porque todos os que comem este pam, com fe formada, aproveytam huns aos outros nas suas obras, se tambem estam em fe formada, porque assi como os membros do corpo humano se ajudam huns aos outros, assi os que estam em charidade, porque estes sam membros vivos de Christo e elle sua cabeça, o que he conforme com o que dizemos no Credo: *Sanctorum communionem*. O que diz qualquer destas duas auctoridades dos evangelistas, diz tudo o que comprehendem ambas.

Alguns homens carnaes, que nam entendem as cousas spirituaes, impedem algũas vezes aos christãos este pam sobresubstancial, principalmente a oraçam, ou amor auctual; porque, como elle he o thesouro soterrado no campo e a pedra preciosa, por que ho mercador ha de vender todas as cousas por a comprar, e elles destes actos de amor actual nam sabem nada, sam tam presuntuosos que cuydam que sabem tudo e escandalizam se quando vem falar do que nam sabem, mayormente a pessoa simplex.

| 24 | **Capitulo octavo, em que <se> declaram estas palavras Perdo a nossas dividas, assi como nós perdoamos aos nossos devedores, em as quaes Christo insina a obrar e desejar, pera todos, ho perdam e graça.**

Ja que nosso redemptor tem insinado que todos desejem e obrem a honrra de Deos, ou bem dos proximos, que todos tenham¹⁸ ho necessario á alma e ó¹⁹ corpo, insina logo a estes que desejem assi mesmo que todos tenham ho perdam dos seus peccados. Os quaes aviam de ter, assi como tractassem a liçam, oraçam e sacramentos; porque, sem as almas os nam exercitarem, em que lhes parece que

¹⁷ *dizeri* P.

¹⁸ *tenham* P.

¹⁹ *o* P.

tem desejo, he muyto pera temer que pode ser persunçam, pois nam querem exercitar os meynos direytos com que se alcança o verdadeyro desejo e ho perdam de nossos peccados ou graça, que he muy grande grandeza. Que assi como somos perdoados, assi somos acceptos e graciosos a Deos, e poucas vezes se acha que Deos o revelasse ou dissesse, como disse a Magdanela. E por isso Christo nosso redemptor, aos que exercitão o insino precedente, insina agora, em estas palavras | 24 v | *Perdoa nossas dividas, assi como nós perdoamos aos nossos devedores*, que desejemos que todos sejam perdoados de suas dividas e peccados. O qual se alcança com duas cousas: Hũa com o amor e charidade de Deos. E a outra com perdoar todas as dividas, odios e escandalos que nos tenham feyto os proximos. Sem estas duas, nam se alcança o perdam. A primeyra condiçam ja Christo a tem ensinada nos insinos passados. A segunda condiçam insina agora aqui, porque, por nossa maldade, muytas vezes nós e os proximos cahimos em dividas mortaes e muyto mais, ja por nossa fraqueza, nos veniaes (que sete vezes ao dia cae o justo e, se dissermos que estamos sem peccado, a nós mesmos enganamos). Insina nos logo o Senhor que, em spirito, digamos: *perdoa nos nossas dividas, assi como nós perdoamos aos nossos devedores*.

Aqui nos insina o Senhor a desejarmos o perdam das culpas, pera os dous estados de gentes da igreja militante, vivos e mortos, porque tambem este perdam alcança aos que estão no purgatorio, que pagam suas dividas e peccados que nam estam retidos, senam pella satisfaçam delles. Em dizer *assi como nós perdoamos aos nossos devedores*, se amostra ser pellos que vivemos nesta presente vida, porque, os que aqui não perdoam todas as dividas aos proximos, por Deos, em que tivessem a oraçam | 25 | nam lhe era meritoria pera a vida eterna.

Os que, pella oraçam ou por qualquer outra maneyra, os levou Deos aa perfeiçam do amor, conseguem inteiramente este insino, porque lhe he perdoado à culpa e pena de todas suas dividas e peccados, pello amor e fervor actual em Deos perfeyto. Porque, como elles estam na caligem da divindade, por graça e sentimento e sem nenhũa figura ou imagem, nam podem actualmente considerar cada peccado em particular. Mas, em Deos, tem muy inteiramente os lumes e conhecimentos de como sam servos inutiles, e de quam pouco fazem, mas que resistem à graça e fazem a vontade à carne e às faltas e imperfeições e negligencias que, nesta vida, sempre ha, e muy inteiramente as conhecem, pello que sempre andam em lagrimas e sospiros,

e sem mays particular consideraçam, ou discurso, se tem pellos mayores peccadores do mundo. Que quem nam quer fazer ho menor mal e o chora, muyto bem conhece Deos que este tal nam farà o maior mal, mas o choraria ainda muyto mais, pello que estes tem o perfeyto amor e contrição. Os outros que nam tem chegado a este estado, lhe he perdoado a culpa e a pena, mais ou menos, de suas dividas e peccados, segundo mais ou menos se achegam a este amor perfeito.

/ 25 v / Muitos se espantam com estas palavras, dizendo que, por nossa fraqueza humana, não podemos perdoar, assi como queremos e nos he necessario que Deos nos perdoasse; olham no mal, porque a todos os estados de gentes sam estas palavras de muy gram misericordia. Porque hos que estam hum espirito com Deos e perfeytos, como em outro lugar manda, pella graça e uniam e transformaçam do amor, perdoam ao seu modo inteiramente, como Christo aqui insina e manda. Porque, como elles estam no lume divino, e absorvidos e transformados em Deos, sem nenhum pensamento de cousa criada e, se lhe vem, he muy fraco e muy levemente o deytam de si, porque nenhum pensamento ou memoria tem das injurias passadas. Os que nam estam nesta perfeiçam, mas caminham pera ella, pella oraçam ou actos de amor, tambem cumprem este insino, segundo seu estado, porque, dado que tem muita memoria das injurias, mas como nellas nam consentem e desejam de as nam ter, ou, se consentem nellas, lhe torna a pesar, por isso tem o perdam de suas culpas ou dividas. Por onde he visto que sam estas palavras de grande misericordia aos boons, e ainda aos maos, pois nellas lhe mostra ho Senhor, como em sua mão está alcançarem o perdam de suas dividas e peccados, com as duas condições ja di/ 26 /tas. Tambem por ellas somos induzidos e persuadidos a este perdoar, porque, como somos amigos de nam sermos castigados no inferno e de gozarmos do parayso, quando chegassemos a este lugar, que tantas vezes dizemos, cada dia nos lembrasse esta condiçam, por cujo meio avemos de ser perdoados.

Capitulo nono. Da declaração destas palavras Não nos metas em tentação, nas quaes Christo nosso redemptor nos insina e manda obrar e desejar pera todos a perfeita humildade.

O Senhor nos tem insinado a obrar e desejar o com que se conserva o corpo e alma, e o perdam dos peccados, que vem da graça. E porque a humildade he conservadora e augmentadora da

graça ganhada, e ainda restauradora da perdida, e todas as virtudes, sem humildade, mais danão que aproveitam, por isso Christo nosso redemptor, ja que nos tem insinado os precedentes, pera o bem do proximo, nos insina nestas palavras, *nam nos metas em / 26 v / tentaçam*, a humildade; em as quaes palavras, clara e largamente nos insina que tenhamos e obremos e desejemos, pera todos, o conhecimento de nós e de Deos, com o que se tem a humildade; e quanto mais temos, nós e os proximos, o conhecimento de nós e de Deos, tanto mais temeremos as tentações, perigos e guerras, e andaremos na humildade. Porque, tendo inteyro conhecimento de nós, saberemos que, de nós somente, nam somos poderosos pera fazer nenhum bem, quanto mais resistir a tam poderosos contrayros, como nesta vida temos, scilicet, carne, mundo e diabo, e a tanta infinidade de tentações, perigos, guerras e laços que nos armão e nesta vida ha; tendo o conhecimento de Deos, conheceremos quam terrivel e espantoso mal he offender a Deos e contrariar sua divina vontade, nem por hum pequenino peccado venial ou imperfeçam. E assi como temos estes dous conhecimentos, assi està certo comprir este insino de Christo, scilicet, temer muyto as tentações, com o qual se anda na humildade. E porque Sam Paulo, pello gram conhecimento que de si e de Deos tinha, andava mui cheo deste temor ou humildade, por isso, quando se vio com tentaçam, pedio a Deos, por tres vezes, scilicet, com perseverança, que lha tirasse; e como, pella humildade ante Deos, ninguem perde nem pode perder, por isso Deos lhe quis ainda / 27 / dar outro mayor dom do que lhe pedia, de tirar a tentação, que era dizer lhe, como lhe disse, *Abasta te a minha graça*, em as quaes palavras se pode entender a certificaçam que estava em graça, e que a nam perderia pella tentaçam. E quando a nós revelado de Deos fosse esta certificaçam, nam teria entam tanto lugar ho temor da tentaçam. Como Christo nosso redemptor insina esta sua oraçam pera todos, os quaes estam longe deste dom de certificaçam, que Deos deu a Sam Paulo e he dado a muy poucos, por isso todos hão de temer muyto a tentaçam. O qual insino nam he outra cousa senam persuadir nos e induzir nos e insinar nos que ponhamos todas nossas forças, pera que, assi no interior como no exterior, avorreamos toda a cousa que nos pode ser azo e occasiam de perigo, guerra ou laço. Fazendo o assi, certo está, no interior, ao menos por vontade e nossa possibilidade, a alma està sempre em Deos, pera ho que foy criada, e com que està a sua semelhança, e donde lhe hão de vir todos os beens. E no exterior, fogir a toda

cousa em que pode offender a Deos. Porque, dado que a pessoa cumpra inteiramente tudo e com tudo, nam lhe hão de deixar de vir muytas tentações, e ainda nam se poder conservar sem quedas, deffectos e imperfeições, mas ganhará duas cousas, comprindo este insino de Christo: A pri / 27 v / meira, que quando lhe succederem tentações, perigos e guerras, então com razão pode pedir ajuda a Deos, que ao diante nosso redemptor logo põe, pera os que comprirem este seu insino, que por isso pos este primeiro e o outro depois, pera amostrar que, òs que comprirem este ensino, daria inteiramente ajuda nas suas tentações, quando lhe vierem. A segunda, que as quedas e imperfeições em que nesta vida se cae, comprindo este insino, serem muyto menos e essas muy leves. Hũa das causas porque muytas pessoas, pedindo a Deos, com muyta efficacia, ajuda nas suas tentações interiores e exteriores que lhe vem, e Deos com tudo lha²⁰ não dá, me parece a mim que he só porque não cumprem primeiro este insino de Christo, de andar na humildade, com temer muyto as tentações, perigos e guerras, pello conhecimento que tem de si e de Deos, os que as temem.

Dizer Christo nosso Senhor estas palavras *Padre nosso que estás nos*²¹ *ceos, nam nos metas em tentação*, está visto que por isto o diz, porque certo he que se não move hũa folha sem a vontade divina. E pela mesma maneira sam as tentações, que todas são ou por as Deos querer, ou permitir; mas como temos livre alvedrio e nossas tentações ou laços, em que cumpramos este insino nesta vida, sempre nos hão de vir muytas, / 28 / primeiramente avemos de pòr nossas forças pera cumprir este ensino de Christo, de andar na humildade; e em que ella tenha muytos effeitos e beens, hum dos principaes della he temer muito as tentações, perigos e guerras, que sam as occasiões do pecado, e por onde elles entram. Porque (como diz S. Bernardo), quem o peccado e occasião delle tiver, somente por mau cahirá nelle, senão que o hão de ter por mais que mau; ho qual faz quem cumpre este insino de Christo, de temer muyto as tentações, com que se anda na humildade, e com ella poderá escapar dos muytos laços ou tentações, que nesta vida ha (como foy revelado a S. Antão). Mas o que nam quiser cumprir este insino de Christo, de temer as tentações pello conhecimento que de si e de Deos ha

²⁰ *lhos P.*

²¹ *no P.*

de ter, nam teraa humildade nem conhecimento de si nem de Deos; nam ho tendo, nam escapar  das tentac es e laços, mas cahiraa em soberba. E posto que ella seja de muytas manieras, que com muyta difficultade se pode dizer todas as particularidades della, mas por brevidade as somaremos em tres, que servem para este caso:

A primeyra soberba he clara, e he das almas que nunca deram ponto   oraç o, alevantamento da mente a Deos e ajuntar a elle, e mais se metem em cousas que dereytamente sam pera ho offender.

/ 28 v / A segunda maneyra procede de pouco conhecimento de si e de Deos; e assi, cair em soberba he dos que actualmente nam se ajuntam a Deos, pello alevantamento da mente a elle, e donde lhe avia de vir a sua participaç m e todo o bem, e com tudo se metem, voluntariamente, em lugares onde ha tentac es, perigos e guerras, h as vezes sendo cousas claras e outras vezes dizendo que sam pera servir a Deos. Nam querem saber que, dado que elles deitassem, de si fora, todas as occasiões de tentac es, perigos e guerras, ainda com a sensualidade, que a alma sempre consigo traz, e sem a perseveranç  da oraç m, ou alevantamento em Deos, mas ficando a alma em si e na carne (como fica dito), tanto que, com vontade determinada, ella deixa a Deos, se nam avia de conservar sem peccado mortal, quanto mais metendo se voluntariamente em tentac es, perigos e guerra, em que pode offender a Deos, em que seja com boa tenç m. Mas he certo que estes, que se metem voluntariamente nas occasiões de tentac es e sem Deos actualmente, hão de fazer o mesmo que fazia ho outro que, vendo que não podia com a carga de lenha, acrescentava mais lenha   carga. Assi estes, com a carga ou obrigaç m de si somente (quero dizer que nam cumprem suas obrigações, nem renunci m as vontades proprias) e tomão ainda / 29 / outras obrigações. Engan o se huns por alg as rez es humanas, acqueridas por habitos ou escolas pera aquellas obrigações que tomão, nam querem saber que, em que tenham aquellas calidades, sem terem bem mortificada e renunciada sua sensualidade e os maos habitos e inclinações della, ou a perfeyta oraç m que Christo aqui nos insina, se não devem de meter nellas. Assi tambem aquelles, que ja tem a oraç o perfeyta, nam se devem de meter em as taes obrigações e cargos, sem a rezam humana, acquerida por hábito ou escolas, porque ambas sam necessarias pera elles.

Outros, por h as orações vocaes que fazem, ou considerações interiores, mas sem actualmente Deos, com estas s s se metem nas

tentações, perigos e guerra dos cargos. Se nam tivessem a presunçam, ou soberba, estas mesmas cousas lhe dariam clara demonstraçam de quem eram e de quam fracos andavam, pois estas mesmas cousas os nam inflamavam no amor de Deos, nem lhe davam forças pera andarem na mente em elle e amor actual, sempre e sem desfalecer e sem cessar e sem interrompimento, como Christo e toda a sagrada scriptura insina, quanto mais nunca ainda começar. Por estas e outras muytas razões, que se podem dar, he visto quam pouco conhecimento estes tem de si e de Deos, e com quanta soberba e / 29 v / presunção andam.

A terceira maneira, com que ha alma tem pouco conhecimento de si e de Deos e anda em soberba, se chama tibieza, porque nam ha ahi tibieza sem soberba subtil; nesta caem as pessoas spirituaes que ja andaram em oração e mente em Deos actualmente, com os actos de amor e com intenção de se juntar e unir a Deos. Mas, porque ainda nam tem bem impresso ho conhecimento de si e de Deos, subtilmente e sem o elles entenderem caem em soberba e presunção, com se meterem voluntariamente em tentações de cargos e mandos corporaes ou spirituaes, com hum subtil engano, dizendo que os tomam para servir a Deos e aproveitar aos proximos. Mas, como com as muytas tentações e distrahimentos dos cargos perdem de ter a mente em Deos, donde lhe avia de vir a sua participaçam, e fica a alma em si e na carne, e com tudo persevera nas tentações e distrahimentos dos cargos, pello que andam em soberba e presunçam, por muytos respeytos.

Porque ja se esquecem que, de si samente, nam sam poderosos pera obrarem nenhum bem, nem tem conhecimento da malignidade de sua natureza, e cuidam que, sem Deos e sem a sua participaçam, podem obrar bem; mas estando a alma em si e na carne, nam pode fazer cousa tam difficultosa, como he nam errar / 30 / nas muytas tentações dos cargos, por mais ou por menos. E assi, nam conhece quanto perde, em perder hum sò acto do amor actual em²² Deos, com que se ganham e acrescentam graos de gloria essencial, e he a mayor perda que hũa alma nesta vida pode ter, tirando o peccado. E mui largamente o diz o sancto abade Isac, no seu livro da religiam, que ainda que seja obrar voluntariamente virtudes, lhe chama bivoras e escorpiões, se por ellas perde a Deos, se as logo nam deixa. Ioannes Taulero, ho mesmo lhe põe grandes males a este perder

²² *en P.*

de estar a alma junto a Deos, porque este he o fim de todos hos preceptos. Cassiano, por authoridade dos padres do hermo, lhe chama morte e peccado de fornicçam, e outros males. E assi he visto ser presunçam e soberba, inda que com boa entençam, cuydar que elle o fara melhor que todos e nam querer deixar hos tais cargos a outros, que ha de crer e ter por certo que sam melhores que elle; porque ao menos nam pode ter delles a certeza de experiencia experimental, como a tem de si, que com qualquer obra exterior perde sua alma a Deos, que em que o tevesse de presunçam, nam era de certa experiencia, como a tinha de si.

Tambem estes que assi tomam os cargos, perdendo logo a Deos com elles, ja nam seguem aos conselhos dos / 30 v / sanctos e sagrada scriptura. Os sanctos em muytos lugares dizem, principalmente Sam Gregorio, que, com a perfeçam e perfeyta hidade, há de tomar os cargos, pera insinar. A perfeçam se entende que as obras exteriores nam tirem a alma de estár em Deos, porque, se a tiram, ja nam está na perfeçam; porque (como o diz o mesmo sancto e Sam Thomas) a perfeçam he estár a alma junto a Deos, pois vé que a perde, aja se por imperfeyto e ande na humildade e nam em soberba, como he cuydar de nam errar, em tantos inconvenientes e tam continuos, como ha nos cargos e andando a alma em si e na carne, e sem actualmente Deos, e mays onde ja tem a perda muyto certa, pois ja forçadamente perde os actos actuaes de amor e tudo voluntariamente. E que aproveyta fazer a pessoa grandes obras, se a sua alma recebe detrimento (como diz a scriptura). Que mór detrimento pode hũa alma nesta vida receber (tirando o peccado) que perder voluntariamente estár ella junta e unida a Deos e feyta hum spirito com elle, e os actos actuaes de amor?

O propheta largamente nos insina esta doctrina, que em elle pedir *nam me tires ho Spirito Sancto*, certo era que tinha a participaçam de Deos; mas pera insinar (que o mesmo he que tomar carregos e mandos, com boa tençam) dizia *De spi / 31 / rito principal me confirma, e entam insinarey aos maos os teus caminhos*. Ser confirmado de spirito principal, he toda perfeçam, scilicet, das obras exteriores nam tirarem a alma de estar em Deos, actualmente. A pobreza, que Christo tanto insinou por obra e palavra, que outra cousa he, senão insinar as almas que tirem os impedimentos que os podem tirar de estar actualmente em Deos? A paz que tanto encomendou, que outra cousa he, senam que, até nam termos a paz

interior, de maneyra que as obras exteriores a nam tirem, nos ajamos por muy fracos e imperfeytos? Que quando a alma tem a paz interior e as obras exteriores a nam impedem, logo tem a perfeçam e o estar em Deos. Porque, onde està a paz, está Deos (como diz hum propheta). E em dizer Christo *Buscay primeyro o reyno de Deos*, que he o proprio Deos, que outra cousa nos insina senam isto de que tratamos e pela mesma maneyra: vinde a mim, estay em mim; e em outros muytos lugares, que toda a scriptura està chea, que de Deos nos ha de vir todo o bem, e sem elle nam teremos nenhum, senam males, porque estes sam nossos. Este andar nesta soberba subtil, ou tibieza, he muyto pior de conhecer que as outras que dissemos, nem comumente o que a tem a nam sente, senam quando, de golpe, de todo cahio; e por estes diz Casiano, por auctoridade / 31 v / dos padres do hermo, que diz a scriptura que lhe nam falem, nem insinem, porque nunca tomam conselho nem insino dos outros.

Em duas maneiras se mostra, além do que està dito, nos expecificar, persuadir e insinar Christo nosso redemptor, aqui, a humildade de temer as tentações. A primeira porque diz *Padre nosso que estàs em hos ceos, não nos metas em tentação*; nesta vida em quanto vivemos, nam podemos estar sem tentações, hūas vezes mais, outras menos, assi da parte da carne, como do mundo e diabo. Por onde está claro que se ham de entender estas palavras, do temer as tentações, conforme ao que ellas soam. Porque quanto mais as tememos e nos guardamos dellas e das suas occasiões, tanto mais temos a humildade e fazemos ho melhor meio, pera ellas serem poucas e fracas. Expecificou Christo nosso redemptor este effecto de temer as tentações, porque, dado que a humildade tem muytos effectos, este temer as tentações, pello conhecimento de Deos e de nós, que avemos de ter, he hum dos principaes effectos que tem a humildade; e disse este, em estas palavras, por todos os outros effectos. A segunda he que Christo nosso redemptor, nesta sua oração, nos expecifica e persuade a todos as virtudes (porque, quem não tem virtudes tem vicios, e com elles nam ha hi oração pera a / 32 / vida eterna, quanto mais a perfeita que Christo insina) nas sete charidades ou insinos que nella põe, as quaes encerram em si todas as virtudes, e assi como a alma cumpre estas sete charidades ou insinos, assi tem todas as virtudes perfeitamente. E todos os sanctos dizem que as virtudes, em si somente, sam azo de cahir em soberba, e quanto mais se tem, tanto mais ha necessidade da humildade, além do que fica dito. Sendo

isto assi, e insinando nos Christo todas as virtudes, nesta sua oração, que todos ha dizem e sabem de còr, como nos nam avia de insinar logo a humildade, como insina, por palavras que claramente dizem que temamos as tentações, que os que sam humildes temem, pello conhecimento que de si e de Deos tem.

Tambem se ganha declarar ha escriptura, sem mudar sentido nem intento do que as palavras soam, ho que os herejes, principalmente os modernos, agora usam muyto, ho qual se lhe nam deve dar nenhum azo nem materia, pera elles fazerem ho que se faz; e quando a pessoa nam sente declaraçam catholica às palavras da scriptura, conforme ao que a letra e palavras soam, tenha humildade e ho deyxer a Deos, que quando elle for servido, dará quem as declare, conforme aa letra e sentido do que has palavras dizem e / 32 v / soam. E assi se tira, com esta declaraçam, a occasiam da gente simplex cair em soberba, por entenderem que, dado que se metam nas tentações de cargos e mandos, nam estando capazes delles, dizem que estas palavras, *Não nos metas em tentaçam*, que se nam entendem pellas temer e andar na humildade, pello conhecimento de si e de Deos, que ha de ter, senam que se entendem por pedir a Deos a graça pera vencerem as tentações que, nos cargos e mandos que elles tomão, lhe ham de vir. E com esta declaraçam catholica e conforme aa letra e sentido do que as palavras soam, se tira este mal, porque se lhe amostra (como Christo nosso redemptor insina) primeyro a humildade e, com ella, pedir a ajuda nas tentações, quando vierem, e fogir à soberba; que com ella nam dará ajuda, em que lha peça, como ja fica dito.

Capitulo nono, sobre a declaração destas palavras Livro nos do mal, em as quaes Christo nosso redemptor insina a obrar e desejar pera todos serem livres da malignidade da carne e das vontades proprias.

/ 33 / Posto que alguns, neste lugar, disseram que este mao, que Christo nosso redemptor aqui especifica que avemos de trabalhar e desejar sermos²³ livres delle, era o diabo, e outros disseram que a culpa (o que tudo he muy bem dito), mas assi por muytas razões, como por mais insino e doutrina nossa, me parece a mim que este mao he a mà concupiscencia nossa, por onde começam todas nossas culpas. Quero dizer que, primeiro, vem ao pensamento

²³ seremos P.

ou potencias inferiores, e a vontade superior nam lhe resiste, mas consente com ellas. E dado que o mundo e diabo e carne, todos sam causadores da culpa e imigos nossos (como ja fica dito), o mundo e diabo sam atizadores deste mao e por elle obram; e sam mais leves de vencer (como o diz Sancta Catherina de Scena) porque o demonio he invisivel e, quando atenta a alma, he pellos sentidos interiores e exteriores, nem esta tentaçam sua he mays que quanto Deos o permite. O mundo, que sam os maos homens e os seus costumes e modos; mas, como elles tem livre alvedrio, nam lho podemos forçar, e ho mayor beneficio, que contra elle podemos fazer, he tirar esta carne, ou mao, do objecto do mundo. Porque, quando o tem presente, tem este mao gram força, tam ao contrairo desta / 33 v / carne ou mao, que sempre connosco trazemos, e como temos livre alvedrio, podemos contra ella fazer muytas cousas, assi o que a igreja tem mandado e os sanctos e doctores insinam, como outras muytas, mayormente acolher se a alma a estar actualmente em Deos, com o qual renuncia, mortifica e anichila em si a este mao e as suas potencias interiores e exteriores, com o qual, enquanto o faz, se livra bem da culpa, mundo e diabo; mas nam o fazendo levemente, poderá não ser livre deste mao, e pello consequente da culpa, mundo e diabo. O qual mao sempre contraria a vontade divina, a²⁴ qual quer que as almas alcancem aqui aquela pureza e limpeza, com que nossos primeiros padres foram criados, e nós, por Christo nosso redemptor, somos postos no baptismo. E pera nos pòr neste estado, veio elle ao mundo e padeceo e morreo; e esta he a sua sancta vontade e pera yssso nos busca todos os modos e maneiras, que se não podem mais cuydar nem inventar; só nam força nosso livre alvedrio, que este nos deixou livre e, por esta liberdade, lhe resistimos e lho não queremos entregar. Porque, assi como a alma entrega seu livre alvedrio a Deos, assi logo està na sua divina vontade, amando a Deos sem nanhũa vontade propria, spiritual nem temporal, e ao proximo como a si mesmo. Mas como por induzimento deste mao, que he contra o spirito / 34 / (como diz o Apostolo), a alma faz o contrairo e consente com a sua vontade propria, temporal ou spiritual, e, em quanto nella consente, nam tem aquella pureza e limpeza de nossos primeyros padres e em que nós somos postos no baptismo, e por isto nos insina aqui Christo a pedir e desejar que sejamos livres deste mao, scilicet, das suas

24 o P.

vontades proprias, temporaes ou spirituaes, as quaes sam de tres maneiras:

A primeira se chama mal de culpa, ou peccado mortal, que de todo nos aparta da pureza de charidade, em que somos postos no baptismo, e da em que nossos primeyros padres foram criados, mas tornados ao estado em que elles foram tornados, tanto que pecaram. Este mal he cousa espantosa e fora de toda razam, porque he que a alma, que só foy criada pera gozar a Deos e ser quasi Deos por graça, faz cousa tam errada, como he fazer se carne ou alimaria, por vontade e culpa; ho que faz, não porque do peccado tenha gosto, porque não he cousa de que ella goste, senão gosto²⁵ de alimaria da carne gostar, sendo este gosto de tam pouca dura, como he a uniam de ambos, e deixa os gostos de Deos, que ham de ser pera sempre sem fim. Este peccado ou mal he tambem contra os proximos, filhos, feyturas e imagens de Deos, e que por elles padeceo e morreo e tanto ama, e contra o que Deos manda e quer. Não pode ser / 34 v / mayor desordem que hũa cousa tam pequena e fraca, como he o homem, se ponha muy descubertamente em bando e competencia com Deos; mandando elle cousas tam justas, devidas e proveytosas, ho vermem do homem, absolutamente e sem nenhum pejo, faz as cousas tam injustas, malvadas e danosas, como he este mal da culpa, ou peccado mortal.

Despreza todos os beneficios que Deos lhe tem feito, que cada momento vé e apalpa com os sentidos e confessa cada dia no Credo, os quaes sam de tamanha quantidade e calidade que se nam pode, em boa razão, mais pedir, cuydar, nem inventar. E em quanto neste desprezo persevera, se faz de pior condição que o demonio, que he spirito somente e com muy grandes calidades e naturezas; e elle, carne fraca, tendo mais meios pera se conhecer, tem mais culpa de o nam fazer. E assi, porque nesta vida tem o homem seu livre alvidrio inteiro e livre, que o demonio ja nam tem, pera ho bem concorre Deos com ele, pera poder obrar virtudes e fogir aos vicios, ho que com o demonio ja nam faz. Sendo este erro, que comete, tamanho e tam grave que quis Deos tomar carne humana, padeecer e morrer, pera satisfazer por elle, e todas as vezes que se comete se ha mester a tal satisfaçam, e de nenhũa outra parte se pode aver nenhum remedio.

²⁵ gosta P.

Finalmente, por cinco razões se pode provar que / 35 / o peccado mortal he infinitamente nada: A primeira, por razam da offensa, porque o peccado mortal offende a Deos, o qual he infinito. A segunda, por razam da privaçam, porque ele priva o homem do infinito bem da gloria do parayso. A terceira, por razam da obrigaçam que o peccador está obrigado, pelo peccado mortal, a pena do inferno, que he infinita. A quarta, por razam da disformidade que comete, porque o peccado mortal disforma e gasta a infinita beleza da imagem e semelhança de Deos. A quinta, por razam do infinito bem que o peccado mortal faz perder, scilicet, passado, presente e futuro. Ho passado he o merito da paixão de Christo. Ho presente he o da igreja militante; ho futuro he da clara visam de Deos, que nos tira, em ha qual consiste toda nossa bem aventurança. Por estas cinco razões se mostra como ho peccado mortal he infinitamente nada e infinitamente mau.

Ho segundo mal, ou vontade propria, em que a alma nam tem a pureza e limpeza que nossos primeiros padres tiveram, e somos postos no baptismo, se chama peccado venial, digo dos que, por serem de pequena quantidade e calidade, sam veniaes. E dado que este mal nam aparta a alma de seu fim, que he Deos, porque este mal tem termo e nam priva a alma da graça e charidade, mas contudo tem muytos males, porque, em que se façam quaesquer / 35 v / obras spirituaes ou temporaes, em quanto este mal de peccado venial concorre juntamente com a boa obra, por aquelle fim tira o merecimento, pera a vida eterna, daquelle acto ou obra boa desviada da vontade divina, a qual quer que alma nam consinta com a carne, e diminue e causa tardança no aproveitamento e caminho de Deos. E ainda faz volver atras (segundo S. Bernardo), que diz que nam hir adiante, no caminho de Deos, he volver atras. E diminue o fervor da charidade, a qual he hũa intenção e inclinação do coraçam em Deos, e assi dispõe a alma para peccar mortalmente.

E se pode dizer o peccado venial ser nada, por tres razões: A primeira, porque nam he cousa; todas as cousas que sam tem o ser de Deos; o peccado nam tem ser, porque não he feito de Deos, e assi he nenhũa cousa. A segunda, por razam da privaçam do officio: todas as criaturas, por hũa triumphal e gloriosa armonia, tem hum digno officio de louvar o criador dellas. Se todos, na divina essencia, tem officio de louvar a Deos, pello modo delles, o peccado nam tem officio algum de louvar a Deos. Manifesta cousa he que nam he nada; que se tivesse algum officio de louvar ao criador, como aas outras criaturas, teria officio, mas pois o nam tem,

não he nada. A terceira, porque priva da nobreza do lugar. Deos he em todo lugar, em todas as criaturas, e todas has criaturas sam em /36/ Deos. Mas o pecado nam he em Deos, nem Deos he no pecado. Cousa certa he que o ser das cousas criadas tem necessidade de lugar, e o pecado, porque nam ha ser, nam tem nenhum lugar. E por estas tres razões se diz ho peccado venial ser nada e por nada se há de ter.

O terceiro mal, ou vontade propria, que em quanto dura a alma, não temos a pureza e limpeza que nossos primeiros padres tiveram e fomos postos no baptismo, se chama imperfeçam de spiritu ou pecado venial, que se evitam muyto mal, os quaes se fazem por a alma nam estar de todo sobgeita à vontade divina, a qual quer que esta alma estè, por graça e por vontade e sua possibilidade, na pureza e limpeza que fomos postos no baptismo e nossos primeiros padres foram criados; porque, assi como elles, pello dom da justiça original, a carne nam lhe fazia nenhum impedimento pera elles estarem com a mente em Deos, sem nenhũa vontade propria, espiritual nem temporal, assi nós, pera estarmos naquella pureza e limpeza em que elles foram criados e nós fomos postos no baptismo, hos avemos de imitar, pella graça e livre alvedrio que temos, porque, por vontade no interior e nossa possibilidade, avemos de trabalhar de ter sempre ha mente em Deos e anichilar e renunciar toda vontade propria, e em ho exterior nunca fazer obra que ha nossa carne queyra, /36 v/ senão que a alma faça a ella servir, onde for honra de Deos, scilicet, a sua boca, mãos e pès e todas as outras suas cousas, com que aproveite aos proximos, quando tiverem necessidade, e nunca os dane. Isto sem nenhũa vontade propria, senam toda conforme com a divina. Ho que podemos fazer pella graça e merecimentos de Christo, e livre alvedrio que temos.

Esta imperfeçam do spiritu, ou vontade propria, a qual mal se pode evitar, he de muitas maneiras. Hũas temporaes, outras spirituaes; das temporaes, se pode dar exemplo de hum que vay por hum campo e vê hũa erva e, sem nenhũa necessidade, a carne ou homem exterior a arranca ou corta, e o spiritu consente e nam lhe resiste, dado que isto nam he peccado mortal nem he venial, mas imperfeçam do spiritu. Onde elle ha de estar, em spiritu, verdadeiro adorador, sem participar, nem communicar, nem consentir com o homem exterior. Também se chama vontade propria, pera este caso, ho trabalho das mãos superfluo; e ainda ho Abade Ioam Climaco lhe chama vicio de preguiça. E assi, hum

bocado comido como nam deve; e hũas palavrinhas ouciosas e outras meudezas veniaes.

A vontade propria spiritual se entende nos que desejam graças e favores sensiveis, em que sejam pera melhor servir a Deos, nam porque este desejar estas graças se nam possam e devam desejar. Mas he im / 37 / perfeiçam. Assi, por nam querer servir a Deos com ho desemparo dellas, pois assi elle o permite, como por nam se conformar com a vontade divina, que quer dele ser servido com o desemparo das graças sensiveis, pois o não desempara da verdadeira e certa graça, de a vontade estar prompta pera querer a Deos. Esta vontade propria spiritual he, pella mayor parte, mais perigosa que a temporal, assi porque dura mais, como porque vem encuberta com aparenças spirituaes. Outras muitas maneiras e modos ha destas vontades proprias, spirituaes e temporaes, porque por muyto que se dellas diga nem escreva, muyto mais fica por dizer.

Em estas imperfeições se cae muytas vezes, inda que a pessoa tenha chegado aa transformaçam de Deos. E por estas, me parece a mim que diz o Sabio *Sete vezes ao dia cae o justo*, ho que se mostra porque diz que cahio e lhe chama justo. Ho que he grande mal, porque diz hũa sancta que o que fosse bem alumiado da verdade desta imperfeiçam, vendo a em si, lhe seria grande tormento, como do inferno. E assi, dizem os doctores que antes os sanctos, que estam no ceo, perderiam a gloria da visam divina até o dia do juyzo, que perder o mais minimo ponto do merecimento que ganharam na sua perfeição. E assi porque dizem que mais difficultoso he ao principe, que estaa posto em cem graos de estado, decer o primeiro que, depois, decer dos noventa e nove / 37 v /. Assi, o que està em Deos com vontade determinada cair nestas imperfeições, com ellas se despõe pera poder cair de todo, e outros muytos males.

Posto que a pessoa faça inteiramente o insino passado, nem por isso, em quanto em esta vida viver, lhe hão de falecer tentações da vontade propria deste mao, nem as poderà vencer nem ser livre dellas, senam só com pedir a Deos, com gram perseverança, a sua ajuda e graça. E por isso Christo nosso Redemptor nesta sua oraçam, por remate e fim de todos os insinos e charidades, nos insina agora aqui, pera auerem inteiramente effecto de obrar, a pedir a Deus ajuda e graça (pera vencermos e sermos livres de nossas tentações, quando vierem), e em estas palavras *Padre nosso que estás em os ceos, livra nos do mao*, scilicet, das suas vontades proprias, com ho consentimento da vontade superior, em as quaes palavras clara e lar-

gamente nos insina a obrar e desejar, pera nós e pera os proximos, ajuda e graça de Deos, pera vencermos²⁶ todas nossas tentações, a qual ajuda se pede com fazer a verdadeira obra, como fica dito, scilicet, o alevantamento em Deos, com a devida tençam, quero dizer, desconfiando de si (nam perdendo seu livre alvidrio) e pondo toda sua speranza em Deos e na sua graça, e quanto mais pede desta maneyra, tanto mais Deos lhe darà forças, pera vencer este mao e suas vontades proprias. / 38 / Os que fizeram estas cousas e compriram os insinos e charidades, que Christo nosso redemptor atras põe, justa e dividamente podem pedir ser livres destes tres males, ou vontades proprias do mao. Mas os que os nam compriram inteiramente, e principalmente estàr em Deos com perseverança e devida tençam, temendo muyto as tentações, com que andam na humildade, longe estam de alcançarem a graça e ajuda do Senhor, em suas tentações, pera nam cairem nos tres males ja ditos, ou vontades proprias.

²⁶ *venceremos* P.